



PROFUNDEZAS INSONDÁVEIS: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO SENTIMENTO OCEÂNICO NA RELIGIÃO

PROFUNDIDADE INSONDABLES: UN ANÁLISIS PSICOANALÍTICO DEL
SENTIMIENTO OCEÁNICO

UNFATHOMABLE DEPTHS: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE
OCEANIC FEELING

Maria Eugênia Carvalho Morais¹
Junia Paula Saraiva Silva²

RESUMO: Em suas obras, Sigmund Freud, abordou não apenas questões técnicas e teóricas para a consolidação da psicanálise como ciência, como também produziu sobre temas políticos e sociais, que refletiu sobre questões vistas para além dos consultórios clínicos. Temas relevantes até os dias atuais, como o mal-estar na cultura, a religião para o sujeito, e o início do pensamento sobre o sentimento oceânico, que seria a “origem” destas questões anteriores e de várias outras. O presente trabalho foca no entendimento de como este sentimento de imensidão está ligado ao processo de estruturação do Ego (Eu), e assim presente também em uma necessidade infantil de proteção de um pai grandioso que dá sentido ao desamparo.

PALAVRAS-CHAVE: Sentimento oceânico; Religião; Sigmund Freud; Mal-estar na civilização; Psicanálise.

RESUMEN: En sus obras, Sigmund Freud no solo abordó cuestiones técnicas y teóricas para la consolidación del psicoanálisis como ciencia, sino que también produjo sobre temas políticos y sociales, reflexionando sobre cuestiones que trascendían más allá de los consultorios clínicos. Temas relevantes hasta nuestros días, como el malestar en la cultura, la religión para el sujeto y el comienzo del pensamiento sobre el sentimiento oceánico, que sería el "origen" de estas cuestiones anteriores y de muchas otras. El presente trabajo se centra en comprender cómo este sentimiento de inmensidad está vinculado al proceso de estructuración del Yo (Ego), y así presente también en una necesidad infantil de protección de un padre grandioso que da sentido al desamparo.

PALABRAS CLAVE: Sentimiento oceánico; Religión; Sigmund Freud; Malestar en la civilización; Psicoanálisis.

ABSTRACT: In his works, Sigmund Freud not only addressed technical and theoretical issues for the consolidation of psychoanalysis as a science, but also produced writings on political and social themes, reflecting on issues that extended beyond clinical offices. Relevant themes to this day, such as the discomfort in culture, religion for the individual, and the beginning of thought on the oceanic feeling, which would be the "origin" of these previous issues and many others. This present work focuses on understanding how this feeling of vastness is linked to the process of structuring the Ego, and thus also present in an infantile need for protection from a grandiose father figure that gives meaning to helplessness.

KEYWORDS: Oceanic Feeling; Religion; Sigmund Freud; Discontent in Civilization; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud (1856-1939) deu início à psicanálise com o objetivo principal de explorar os conteúdos inconscientes e a pulsão sexual, áreas pouco estudadas até então. Sua

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Professor Antônio Edson Velano (Unifenas), e atualmente pós-graduanda em Psicanálise e análise do Contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

² Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, possui Mestrado e Doutorado em Literaturas de Língua portuguesa pela mesma instituição. Atualmente é professora de Psicologia na Universidade Professor Antônio Edson Velano - UNIFENAS/FETA.

produção nessa nova ciência teve origem em seu trabalho como médico no tratamento de pacientes histéricas, que apresentavam sintomas físicos sem causas fisiológicas aparentes. O artigo inaugural de sua obra foi *Estudos sobre a Histeria*, publicado em 1885, em coautoria com seu então parceiro Josef Breuer (1842-1925).

Após esse início, Freud se desvinculou de Breuer e começou a produzir trabalhos que consolidaram a psicanálise no cenário mundial. Foi nesse momento que ele e seus seguidores perceberam que a psicanálise poderia também iluminar questões de outras áreas do conhecimento. O primeiro trabalho dessa natureza, que influenciou todas as suas publicações posteriores nas esferas política e social, foi a obra *Totem e Tabu: Alguns aspectos comuns entre a vida mental do homem primitivo e dos neuróticos*, publicada em 1913.

Entre essas produções, destacam-se ainda as obras *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *O Mal-Estar na Cultura* (1930). Esta última é fundamental não apenas para a compreensão das teorias psicanalíticas como um todo, mas também para o entendimento das relações sociais e da sociedade em geral.

A respeito de sua investigação sobre a religião, em um primeiro momento de sua pesquisa, Freud aborda uma carta que recebeu de um amigo, Romain Rolland, comentando sobre sua publicação que trata a religião como uma ilusão, conforme o trecho a seguir: (Freud, 1930/2015).

Segundo ele, essa fonte seria um sentimento peculiar, que nunca costuma abandonar a ele próprio, que lhe teria sido confirmado por muitas outras pessoas e que poderia pressupor em milhões de humanos. Um sentimento que ele gostaria de chamar de sensação de “eternidade”, um sentimento como o de algo sem limites, sem barreiras, “oceânico”, por assim dizer. [...] Apenas com base nesse sentimento oceânico alguém poderia chamar-se religioso, mesmo recusando toda fé e toda ilusão (Freud, 1930/2015).

O autor expõe que o sentimento religioso não passa de uma subjetividade, não um artigo da fé propriamente dita, desconectado de uma continuidade pessoal, mas sim uma fonte de energia religiosa que os sistemas religiosos percebem e utilizam (Freud, 1930/2015).

De acordo com Freud, todo esse contexto serviria de base para a sensação de pertencimento ao mundo, como uma plenitude, onde não haveria limites. Por esse motivo, os indivíduos buscariam a religião. Contudo, Freud questiona se esse sentimento seria, de fato, a origem da religiosidade (Firmino, 2018).

Considerar esse sentimento como fonte e origem de uma conexão com o ambiente externo, sem antes analisar sua gênese dentro da psicanálise, seria ignorar a complexidade de sua compreensão. Para Freud, o único sentimento de certeza que o adulto possui é a crença em um "eu" (Freud, 1930/2015). No entanto, essa crença seria mais uma ilusão, pois a psicanálise

revela que conhecemos apenas uma "fachada" do eu. Além do Ego (eu), há o Id (isso) e sua dinâmica inconsciente, que rege grande parte do funcionamento psíquico.

Podemos dizer que o conceito de fachada, ao qual Freud se refere, serve para ilustrar como o Ego, aquilo que consideramos como nosso "eu inconsciente", não é a totalidade da mente, mas apenas uma parte visível e controlada, construída para lidar com as exigências do mundo externo. Essa "fachada" funciona como uma interface entre o indivíduo e a realidade, moldada pelas expectativas sociais, culturais e pessoais.

No entanto, para a psicanálise, o Ego é apenas uma camada superficial da mente, enquanto os processos mais profundos e determinantes residem no inconsciente, representado pelo Id. O Id é o reservatório das pulsões, desejos primitivos e conteúdos reprimidos, que influenciam o comportamento e os pensamentos de maneira indireta e muitas vezes contrária ao que o Ego apresenta.

A "fachada", portanto, é o que o indivíduo acredita ser, uma construção que busca estabilidade e coerência para si mesmo e para os outros. Freud aponta que essa ilusão de controle e unidade do Ego é sustentada em grande parte pelo Superego, a estrutura psíquica que internaliza normas e valores sociais. Contudo, a psicanálise revela que por trás dessa fachada existe um vasto território inconsciente, com impulsos que muitas vezes entram em conflito com os valores conscientes e com a realidade.

Esse conceito é essencial para entender por que, segundo Freud, as pessoas buscam a religião ou outras formas de estruturação externa: elas procuram algo que reforçe essa fachada de controle e pertencimento, oferecendo um sentimento de segurança diante das incertezas e contradições internas. Contudo, ao desvelar a "fachada", Freud convida à reflexão sobre as camadas mais profundas da psique e à aceitação de que o ser humano é, em grande parte, governado por forças inconscientes que vão além daquilo que ele percebe como seu "eu".

Freud demonstra que a sensação de um Ego não é inata, ou seja, não está presente desde o início da vida. Um bebê, por exemplo, ainda não possui a habilidade de se diferenciar do mundo externo. Essa capacidade surge apenas com a ausência do Outro e com as experiências de prazer e desprazer, que fazem o bebê perceber a existência de uma "barreira" que o separa do restante do mundo (Firmino, 2018).

Com base na lei do princípio do prazer, o sujeito inicia um processo de repelir tudo aquilo que causa desconforto e sofrimento, sejam esses fatores externos ou internos. Assim, o Ego começa a se diferenciar e a se separar do mundo externo. Segundo Freud (1930), o sentimento inicial do Ego, de abrangência ilimitada, é reduzido ao longo do desenvolvimento psíquico. Essa sensação, entretanto, permanece conservada de forma residual na vida psíquica,

em contraste com o sentimento do Ego maduro, que é mais delimitado e realista (Firmino, 2018).

Assim, o sentimento proposto nos modelos de Rolland poderia ser encarado como um resquício do sentimento primário de indissociabilidade. Freud reconhece que tal sentimento pode até existir, mas como um produto do próprio Ego. Além disso, ele não via como esse sentimento poderia ser a origem de uma energia religiosa, a menos que fosse uma expressão de uma necessidade (Firmino, 2018).

Seguindo essa linha de raciocínio, a religião estaria relacionada à busca pela presença paterna que aliviaria o desamparo infantil. No entanto, Freud não considerava que essa necessidade de proteção infantil tivesse uma força tão determinante. Assim, esse sentimento estaria vinculado à religião, mas não como sua fonte ou origem, e sim como uma tentativa de consolo religioso, destinada a negar um perigo externo que ameaça o Ego (Firmino, 2018).

O presente texto busca lançar luz sobre o entendimento desse sentimento, que surge como efeito da marca do Outro na primeira experiência de satisfação e que dá lugar ao desamparo inicial, gerando uma ilusão de plenitude. Compreende-se que esse desejo de retorno a algo que, na verdade, nunca se teve, constitui a base para a sensação de imensidão e pertencimento associada ao sentimento religioso.

2 A SOMBRA DA RELIGIÃO

A questão sobre o homem e sua idealização da felicidade tem sido objeto de questionamentos filosóficos ao longo de toda a história. Esse tema atravessou o pensamento de diversos filósofos e foi associado a diferentes aspectos, como o corpo, o laço social, a própria vida e até a religião. Sigmund Freud, ao criar a psicanálise, não se eximiu dessa discussão, como se pode observar em seus trabalhos sobre religião, suas raízes e implicações na vida das pessoas, bem como em suas obras que investigam a sociedade e suas relações (Firmino, 2018). Não é novidade a necessidade humana de se expressar por meio de manifestações culturais e simbolismos que possibilitam representar e comunicar ideias. Desde tempos antigos, o homem criou símbolos, ícones, figuras, deuses e divindades que, inicialmente, serviram como testemunhos e, posteriormente, como elementos de culto, fenômenos materiais e idealizações de um ser poderoso responsável por proteção e criação (Chaves; Nani, 2008).

A religião, cuja etimologia remonta ao termo "re-ligare", acompanha a humanidade desde seus primórdios, sendo vista como uma ferramenta de evolução que possibilita a comunicação. Além disso, oferece explicações para fenômenos que a materialidade e a razão

humanas não conseguem abarcar, permitindo compreender as fases e os rumos que a existência tomou e pode tomar (Chaves; Nani, 2008).

Nesse sentido, Freud, em suas obras sobre a religião, buscou compreender e elucidar as motivações psíquicas da religiosidade, elaborando textos que analisam os ritos, comportamentos e sentimentos associados ao tema. A primeira obra do autor sobre essa temática foi *O Futuro de uma Ilusão* (1927), na qual emprega uma abordagem científicista para desenvolver suas ideias (Maciel; Rocha, 2008).

Nessa obra, Freud, partindo de um viés iluminista, defende que a razão deve ser a instância suprema de um "reinado psicológico", onde todas as ações humanas – incluindo as ideias religiosas – seriam submetidas a um julgamento racional. Assim, ele acreditava que, por não serem passíveis de comprovação científica, as ideias religiosas seriam desacreditadas (Maciel; Rocha, 2008).

Diante disso, Freud passou a argumentar que a religião seria uma ilusão, considerando os aspectos imaginários que a sustentam. Essa ilusão, segundo o autor, estaria profundamente relacionada à noção de desamparo infantil e ao complexo de Édipo. Na perspectiva freudiana, a ilusão seria um produto de um desejo urgente que leva o indivíduo a idealizar algo contrário à sua realidade, como o exemplo da vinda de um Messias salvador (Moreira; Pinto, 2012).

A ligação entre a ilusão religiosa e o desamparo infantil está na dependência e proteção vivenciadas em relação à figura paterna, como demonstrado por Moreira e Pinto no trecho que se segue:

Em um primeiro momento, a mãe era o objeto amoroso capaz de proporcionar satisfação ao bebê. Mas, em seguida ela é substituída pelo pai, mais forte, que ocupará essa função durante toda a infância. Essa relação com o pai será marcada pela ambivalência. Ele será odiado por interferir na relação da criança com a mãe e admirado por sua força e capacidade de trazer segurança à criança ela vai reconhecer na figura do pai o suporte necessário para protegê-la e auxiliá-la em situações aterrorizantes (Moreira; Pinto, 2012).

Na idade adulta, ao enfrentar as dificuldades da vida, o indivíduo reconhece sua fragilidade, renovando o desamparo da infância. Contudo, o que muda é a percepção de que a figura paterna, antes idealizada, também enfrenta suas próprias limitações. Segundo Freud, essa descoberta desafia a idealização da autoridade paterna e, em vez de ser apenas uma ilusão infantil, a religiosidade surge como uma tentativa de reconquistar o conforto e a segurança que o indivíduo experimentou na infância, por meio de uma figura transcendente que oferece amor e proteção.

Freud, em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), argumenta que a religião funciona como uma projeção dos desejos humanos de segurança, substituindo a figura paterna real por uma idealizada, capaz de fornecer a proteção absoluta que o pai humano não pode garantir. A religiosidade, portanto, é uma forma de lidar com o desamparo e os medos existenciais, oferecendo uma sensação de certeza diante da morte e do sofrimento. Para Freud, a religião é uma ilusão que, embora não tenha comprovação científica, desempenha um papel crucial ao proporcionar consolo psicológico e significado à vida humana.

Assim, a religiosidade é vista como uma projeção das necessidades emocionais não atendidas na infância, especialmente relacionadas ao pai, funcionando como uma resposta psíquica ao desamparo e à fragilidade da condição humana.

Outro aspecto abordado por Freud em relação à religião é o sentimento de culpa, que aflige o ser humano. Esse sentimento estaria relacionado à morte simbólica do pai, uma experiência que, segundo Freud, justificaria a existência das concepções religiosas transmitidas de pai para filho. Como exemplo, podemos citar o Cristianismo, que se baseia na relação patriarcal entre Pai e Filho, na qual a morte do Filho é necessária para que a religião tenha início (Maciel; Rocha, 2008).

Em uma de suas aclamadas obras, *O mal-estar na cultura* (1930), Freud explora a questão da religião sob a ótica dos relacionamentos interpessoais do ser humano, analisando a busca pela felicidade e pelos prazeres que fundamentam comportamentos que contrariam as leis culturais (Chaves; Nani, 2008). O entendimento sobre a adesão a uma determinada religião, segundo Freud, está fundamentado em um sistema de doutrinas e promessas que oferecem respostas para problemas, soluções para questionamentos, garantias de proteção e recompensas em existências futuras, tudo isso mediado por uma figura paterna exaltada. Esse ser supremo seria o único capaz de prover as necessidades, fazer justiça, perdoar remorsos, recompensar sacrifícios e atender pedidos. Esse contexto religioso é o que daria sentido ao sofrimento existencial vivido na Terra (Chaves; NANI, 2008).

Em busca dessa completude, a pulsão do sujeito é direcionada à religião como forma de investir nessas recompensas, fazendo com que crenças, vistas como verdades, possam ir contra o pensamento científico, independentemente de comprovações racionais. No entanto, Freud alerta em sua obra de 1930 que a felicidade desejada não pode ser alcançada por um único meio ou objeto, que limita e coage o pensamento do indivíduo. O autor destaca que a fixação em um único meio, como a religião, não garante nada além de uma defesa contra uma estrutura neurótica (Chaves; Nani, 2008).

Ainda nessa linha, Chaves e Nani (2008) citam Morano (2003), que afirma: "[...] a ilusão religiosa – ao arrastar para si uma parcela considerável de energia libidinal (velada em seu fim especificamente genital) – colabora na canalização das pulsões sexuais não inibidas em sua finalidade. Desse modo, contorna-se uma importante via para a neurose" (Morano, 2003, apud Chaves; Nani, 2008).

A realidade, com todas as suas dificuldades, não pode ser modificada pela força do desejo ou pela energia libidinal, mesmo que por meio de artifícios de defesa contra sintomas da estrutura neurótica, como ocorre na religião. Embora os indivíduos sejam regidos pelo Princípio do Prazer, que os impulsiona a buscar incessantemente a felicidade e a evitar o desprazer, as angústias e o desamparo são vivenciados pelos sujeitos e não pela realidade em si (Chaves; Nani, 2008).

3 A INESGOTÁVEL FONTE: SENTIMENTO OCEÂNICO

No primeiro capítulo de sua obra *O Mal-Estar na Cultura*, Freud explora a origem de uma sensação de eternidade associada à religião, entendida como uma fonte de energia que se baseia nas crenças religiosas, de forma puramente subjetiva. Essa proposta foi inicialmente apresentada em uma carta de resposta ao texto *O Futuro de uma Ilusão* (1927), escrita por Romain Rolland (Firmino, 2018).

Na correspondência, o colega de Freud sugere que essa sensação de eternidade seria uma fonte genuína da religiosidade, um sentimento que nunca abandonaria o homem. Ele a descreve como uma fonte inesgotável, consumida pelos sistemas religiosos, que exploram a ideia de um sentimento oceânico, embora esse sentimento seja puramente subjetivo e não um artigo de fé (Freud, 1930/2015). Contudo, Freud não concorda com essa visão e dúvida que tal sentimento seja, de fato, a origem da religiosidade. Ele propõe uma forma de compreender o sentimento oceânico a partir de uma perspectiva psicanalítica (Firmino, 2018). Segundo Freud, a ideia de que o homem tenha uma ligação com o mundo externo, mediada por esse sentimento constante, não poderia ser a gênese da religiosidade, mas poderia, de fato, ser entendida de outra maneira (Freud, 1930/2015).

Nada poderia dar mais certeza ao sujeito do que o sentimento de seu próprio "eu", que se percebe aparentemente independente e único, em contraste com o resto do mundo. Embora esse "eu" possa não ter fronteiras tão bem definidas internamente, ele se sente distinto do ambiente externo. No entanto, essa relação do "eu" com o mundo exterior pode sofrer distúrbios, como nos sentimentos de paixão, por exemplo, ou em outros estados em que

pensamentos, sentimentos e até partes do corpo podem parecer alheios ao Ego. É importante ressaltar que a noção e o sentimento do "eu" não são inatos, mas se desenvolvem com base no princípio do prazer. Para o adulto, essa noção é um resquício do que um dia foi, na infância, uma ligação mais estreita com o externo (Freud, 1930/2015).

Se nos for permitido supor que esse sentimento primário do eu tenha ficado conservado- em maior ou menor medida- na vida psíquica de muitas pessoas, então ele seria uma espécie de contraparte do sentimento do eu, delimitando de modo mais restrito e mais claro, próprio da maturidade, e os conteúdos ideativos correspondentes a esse sentimento primário seriam justamente os de uma ausência de limites e de uma ligação com o universo, os mesmo que meu amigo usou para explicar o sentimento "oceânico" (Freud, 1930/2015).

Apesar disso, a ideia de um sentimento como esse, ou pelo menos o que ele abrange, não foi descartada; ao contrário, ela se tornou indispensável em uma discussão mais ampla sobre a cultura. Freud, para compreender o sentimento oceânico, recorre à ideia de que o Ego não possui uma delimitação clara entre o que é "fora" e o que é "dentro" — pelo menos não de maneira fixa. Se houvesse um sentimento capaz de acentuar a ideia de quase fusão do sujeito com o mundo, isso levaria a uma ampliação da indeterminação sobre o que é o indivíduo e o que é a sociedade, deslocando o centro de poder do sujeito (Rivera, 2021).

A cultura, então, seria uma combinação das determinações históricas que orientaram a vida no passado e que, no presente, ainda influenciam o modo de viver dos indivíduos. Isso significa que o homem é moldado pelo meio em que vive em diversos aspectos, como na linguagem, nos valores morais, na ciência, entre outros. A cultura, portanto, é construída através de uma história prévia que permanece ativa e presente, garantindo o funcionamento de uma sociedade específica. O antropólogo Edward Tylor, por exemplo, define a cultura como:

A cultura, no seu amplo sentido etnográfico, é um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (Tylor, 1871).

Sob uma perspectiva estruturalista, com o antropólogo Levi-Strauss como um dos principais representantes, a cultura é vista como constituída por sistemas fundamentais. De acordo com o autor, a mente humana opera segundo princípios universais e regras subconscientes que moldam as culturas. Assim, dentro dessa concepção, existem lógicas universais aplicáveis a toda a humanidade, o que ajuda na compreensão das diferentes culturas. Esses sistemas incluem lógicas de parentesco, mito, e classificação primitiva, além de contrastes como natureza-cultura, belo-feio, claro-escuro, interno-externo, alto-baixo, sagrado-profano, entre outros. Apesar dessa unidade psíquica, as sociedades manifestam-se de maneiras

empíricas distintas, cada uma organizada a partir de sistemas simbólicos próprios. O papel do antropólogo é identificar essas estruturas e elucidar os diversos domínios culturais, como mito, arte, parentesco e linguagem (Levi-Strauss, 1964).

A partir dessa compreensão, entendemos que a vida em grupo exige a renúncia a certos prazeres, o que implica deixar de lado a satisfação, e talvez até a busca incessante pela felicidade, em nome da proteção e do controle dos impulsos (Torrano, 2021).

Nesse sentido, Freud, em sua obra *O mal-estar na cultura*, afirma que a humanidade é constantemente atraída por promessas de felicidade. No entanto, ele observa que vivemos em uma era cheia de opções, mas também marcada por sentimentos de desânimo e infelicidade. O autor sugere que a construção da civilização requer a supressão dos instintos, levando a sacrifícios para conter seus impulsos. Isso exige que cada indivíduo renuncie partes de sua agressividade e sexualidade. Para que a convivência humana seja possível, é necessário estabelecer limites e renúncias, o que tem um impacto significativo na subjetividade, gerando angústia e insatisfação. Freud identifica três fontes principais de sofrimento humano: a natureza, cuja força é indomável, o corpo, sujeito ao declínio, e as relações interpessoais, que são uma fonte social de sofrimento.

No contexto do cuidado e acolhimento oferecido por aquele que inicialmente alimenta e protege, surge o sentimento oceânico, relacionado àquele que introduz o sujeito no mundo e lhe permite viver, ainda que por pouco tempo, com uma sensação de completude. Isso leva à necessidade de compreender e dar significado à finitude, associando-a ao próprio desaparecimento, mas com a esperança de que essa plenitude possa ser reconquistada, através do sentimento de pertencimento e indissociabilidade (Torrano, 2021). Portanto, é na experiência inicial de uma ilusão de completude, gerada por um Outro, que surge a incapacidade de representar o fim sem uma intervenção humana. Essa ilusão idealiza uma busca ao longo da vida e fundamenta toda a criação a partir dessa fantasia (Torrano, 2021).

4 A CONSTRUÇÃO DE UM EU

A conceitualização do ego como instância psíquica passou por diversas fases, refletindo a evolução da teoria de Freud. A estrutura proposta pela psicanálise freudiana foi inicialmente dividida em duas tópicas, uma vez que foram elaboradas e modificadas em momentos distintos no desenvolvimento da teoria de Sigmund Freud. Ambas as abordagens constituíram pilares essenciais para a psicanálise e serviram como base para as construções teóricas subsequentes (Vilaça, 2019).

O conceito de Ego (Eu) permeia as produções de Freud desde o início de sua obra, como em seu texto *Projeto de uma Psicologia* (1895), embora só tenha sido desenvolvido mais profundamente em 1910. Foi com a discussão sobre o narcisismo que o Ego passou a ser abordado de forma mais detalhada (Vilaça, 2019).

Nesse contexto, Freud, ao estudar o narcisismo, buscou incorporar em sua obra a teoria da libido, ampliando a compreensão sobre algumas parafrenias. Ele fez isso ao aprofundar-se no entendimento do dualismo pulsional entre a autoconservação, representada pelo ego, e os impulsos sexuais, relacionados à libido.

No entanto, ao focar exclusivamente nessa ordem, alguns acontecimentos psíquicos, como aqueles que ocorrem além das neuroses, são negligenciados. Para ampliar esse campo de estudo, Freud propõe, então, uma "extensão da teoria da libido". Essa "extensão da teoria da libido" proposta por Freud representa uma tentativa de integrar a complexidade das forças psíquicas em jogo na vida humana, abrangendo não apenas os conflitos e distúrbios, mas também as dinâmicas que moldam o comportamento e a experiência humana em um sentido mais amplo. Ao expandir sua teoria, Freud não se limita a considerar a libido apenas como uma energia associada ao desejo sexual, mas como uma força psíquica que pode influenciar a totalidade da personalidade, incluindo as relações interpessoais, os processos criativos, e até mesmo as escolhas que fazemos no cotidiano. Essa visão mais expansiva ajuda a entender que as pulsões de vida, que antes eram vistas como forças que promovem o prazer e a busca pela satisfação, também são fundamentais para a construção do indivíduo e sua adaptação ao mundo, oferecendo uma explicação mais rica sobre como o ser humano se desenvolve e se expressa, tanto em suas dimensões patológicas quanto saudáveis. Assim, a teoria de Freud evolui para uma explicação mais abrangente da dinâmica psíquica, permitindo uma maior compreensão das complexas interações entre o Ego, as pulsões e o ambiente social e cultural em que o indivíduo está inserido.

A psique humana, conforme Freud, é uma rede complexa de processos e funções interligadas que não podem ser compreendidas isoladamente. Em sua primeira tópica, Freud divide o aparelho psíquico em três partes: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. O consciente é a parte da psique que lida diretamente com a percepção do mundo externo e interno no momento presente, funcionando como uma área de recepção das informações. Essas informações podem ser provenientes tanto do sujeito (aspectos internos) quanto do mundo ao seu redor (aspectos externos). O processo de seleção do material consciente é gerido por um mecanismo de censura que decide o que deve ou não ser levado ao inconsciente, utilizando a repressão para evitar que certos conteúdos se tornem acessíveis à consciência. Essa repressão

não é um processo simples, mas essencial para a formação da personalidade e o funcionamento das pulsões, que são fontes de energia psíquica e movem o sujeito para aliviar a tensão emocional (Lima, 2010).

O desenvolvimento da teoria psicanalítica leva Freud a reformular a estrutura da psique, apresentando em sua segunda tópica o “modelo estrutural”, composto pelo Id, Ego e Superego. Diferente de como inicialmente se pensava, o Ego não nasce como uma estrutura psíquica pronta, mas se desenvolve ao longo da vida do indivíduo. O processo de desenvolvimento do Ego é intrinsecamente ligado ao narcisismo, que se inicia com a estimulação das zonas erógenas do bebê. A satisfação gerada por essas zonas não depende da interação com outros indivíduos, mas é uma dinâmica interna do sujeito, que começa a se perceber e a se relacionar com seu próprio corpo de forma a construir sua identidade. Como Oliveira (2008) destaca, a sexualidade, nesse estágio inicial, está relacionada ao indivíduo em sua totalidade, sem a necessidade de um objeto externo, marcando o início da formação do Ego e da relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

A satisfação inicial vivenciada pela criança, originária da estimulação do próprio corpo, tratase do autoerotismo que se apoia em uma necessidade vital, como por exemplo, a necessidade de alimentar-se que serve à preservação da vida. A urgência em repetir a satisfação encontrada no ato de ser alimentado perfaz no bebê a busca pela mesma no estímulo ao corpo, quando esse prazer não é provido pelo mundo externo, Freud (1905). Ou seja, quando a criança sente fome e não é prontamente atendida pelo ser materno, buscando a satisfação experimentada quando é atendida, estimula o próprio corpo tentando encontrar essa boa sensação. Dessa forma observamos o quanto esse período de espera vivido pela criança é essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas, gerando uma diferenciação entre ela e o outro (Oliveira, 2018, 232.pág).

A criança, inicialmente, passa por uma fase de autoerotismo, na qual sua libido se volta para o próprio corpo, mas logo entra em conflito com as censuras e normas morais de sua cultura, que impõem resistência e delimitam suas pulsões sexuais. Nesse processo, entre a satisfação com seu próprio corpo e a necessidade de escolher um objeto (alguém ou algo fora de si para direcionar sua libido), o bebê atravessa as fases do narcisismo. Esse narcisismo tem a função de transformar a presença do outro — geralmente a mãe, que cuida e alimenta — em algo indispensável, além de nomear suas próprias necessidades, organizar o corpo e estabelecer uma separação entre o "eu" e o "outro", ou seja, entre o corpo do bebê e o mundo externo (Oliveira, 2018).

No narcisismo primário, ainda não há uma distinção clara entre o bebê e sua mãe ou cuidador. Para a criança, sua percepção do mundo é uma fusão entre ela mesma e a figura do outro (Oliveira, 2018). Nesse estágio, a libido do bebê está completamente voltada para si

mesmo, em um processo de autodescoberta, no qual ele explora e provoca estimulações em seu próprio corpo, por meio do autoerotismo. No estágio secundário, o ego começa a se formar: a libido, antes direcionada ao corpo do bebê, começa a se retirar do investimento em objetos externos e retorna para si, de modo que o próprio "eu" do bebê se torna o novo objeto de desejo e atenção (Garcia-Roza, 1994).

Com isso, o ego pode ser entendido como uma estrutura psíquica que se desenvolve à medida que o sujeito estabelece fronteiras entre o "eu" e o mundo externo. Esse processo não se limita à simples percepção consciente, mas envolve também aspectos inconscientes da psique. O ego é, portanto, uma instância psíquica que se encontra tanto no consciente quanto no inconsciente, lidando com fatores internos e externos. No nível consciente, ele está envolvido na tomada de decisões, na elaboração de situações e no controle das pulsões. Já no nível inconsciente, o ego lida com conteúdos reprimidos, conflitos internos e necessidades do sujeito que não são facilmente acessíveis à consciência.

Portanto, a história do ego não deve ser confundida com a história do sujeito, pois, como Garcia-Roza (1994) afirma, o ego não é um "sujeito" no sentido pleno. As funções do ego não se restringem apenas ao nível consciente; elas envolvem também o inconsciente e sua relação com os conteúdos que nele residem. O ego tem, por exemplo, a tarefa de proteger o indivíduo durante o sono, quando o material reprimido ou perturbador pode emergir do inconsciente, garantindo que esses conteúdos sejam mantidos sob controle, sem perturbar o equilíbrio psíquico (Garcia-Roza, 1994). Isso demonstra a complexidade do ego, que é responsável por manter a estabilidade psíquica e o funcionamento adaptativo do sujeito tanto na vigília quanto no sono.

5 DISCUSSÃO

Os debates sobre a religião e sua origem, bem como o motivo pelo qual o ser humano busca conforto em doutrinas religiosas, sempre geraram discussões polarizadas. Como parte de uma ciência dedicada ao estudo dos fenômenos subjetivos do desenvolvimento humano, a psicanálise também se ocupou da questão da religiosidade (Borges, 2008). No texto *O mal-estar na cultura* (1930), Freud aborda o debate sobre a possível fonte de energia responsável pela experiência religiosa, identificando o “sentimento oceânico”, proposto por Romain Rolland. Para Freud, porém, quando se tenta caracterizar sentimentos de forma que não seja fisiológica, o que resta é contentar-se com o “conteúdo ideativo” ligado a esse sentimento. O autor propõe então uma reflexão sobre como esse sentimento poderia ser melhor compreendido como uma

derivação de um sentimento do "Eu", originado pela sensação de desamparo na infância (Firmino, 2018).

É importante destacar, na construção das barreiras do Ego, o papel do desamparo enfrentado pelo sujeito em seu desenvolvimento. Desde o nascimento, o ser humano conta com a figura materna como um suporte emocional e funcional fundamental. A mãe, enquanto cuidadora, traduz as ansiedades, medos e desejos do bebê, além de suprir suas necessidades. Essa boa comunicação entre mãe e filho é o que permite que a mãe se torne o primeiro objeto amoroso do indivíduo (Oliveira, Resstel; Justo, 2014).

Com o tempo, a figura materna é substituída pela do pai, que se torna um objeto de amor, admiração e temor, devido às leis que carrega e à sua função de transmissores dessas leis. À medida que o indivíduo amadurece, o adulto, que nasceu e viveu sob a proteção de uma figura, percebe que, mesmo adulto, continua a precisar de ajuda. Assim, como Freud (1927, apud Oliveira, Resstel; Justo, 2014) propõe, surge a fantasia de um deus que gera os mesmos sentimentos de amor, admiração e temor, provendo necessidades e oferecendo proteção.

A religião, portanto, aparece como uma forma inevitável de garantia de que o sujeito não estará desamparado em sua vida nem em sua morte, oferecendo ao Ego a ideia de que existe uma entidade que nunca o abandona. Esse ser, que acompanha o sujeito durante suas angústias, também é o que o protege e acolhe (Oliveira, Resstel; Justo, 2014).

Dessa maneira, o homem começa a negar o prazer e a controlar as pulsões dirigidas a objetos que acredita serem parte da civilização, renunciando a esses desejos e privando-se para evitar o risco de perder o amor do outro que oferece tantas bênçãos (Oliveira, Resstel; Justo, 2014).

Em *O mal-estar na cultura* (1930), Freud reflete sobre o fato de que o sentimento do adulto em relação ao próprio Ego seria apenas um resquício de um sentimento mais abrangente, responsável por criar uma ligação entre ele e o mundo. A reflexão é que, ao atravessar as fases do desenvolvimento, o sujeito carrega consigo, por assim dizer, seu passado, a necessidade de cuidado e o desamparo, percebendo que está além do mundo imediato e que o Outro compartilha as mesmas angústias que ele. Essa ideia pode ser comparada a uma cidade histórica, onde as marcas do passado coexistem com os novos avanços e construções. Para acessar o passado, basta mudar a perspectiva (Freud, 1930/2015).

Com a elaboração da ideia da coexistência de aspectos psíquicos, o sentimento primitivo do Ego pode ser visto como a raiz do sentimento oceânico. Contudo, a questão que persiste é a levantada no primeiro capítulo de *O mal-estar na cultura*: que direito esse sentimento tem de ser reconhecido como a fonte das necessidades religiosas? (Freud, 1930/2015).

O sentimento, como origem, não poderia ser suficiente para explicar as expressões religiosas, uma vez que um sentimento qualquer só se tornaria uma fonte de energia quando expressasse uma necessidade. Para isso, é necessário entender que as necessidades religiosas estão intimamente ligadas ao desamparo infantil e à busca incessante por uma figura paterna, o que gera um medo que persiste até a adultez, diante das “forças superiores do destino” (Freud, 1930/2015). Como Freud afirma em *O mal-estar na cultura de 1930*:

Eu não saberia indicar uma necessidade infantil que tivesse força semelhante à necessidade de proteção paterna. Desse modo, o papel do sentimento oceânico, que talvez pudesse aspirar à restauração do narcisismo ilimitado, é forçado a sair do primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser seguida nitidamente até o sentimento de desamparo infantil. É possível que haja mais a descobrir por trás dele, mas, por ora, está encoberto pela névoa (Freud, 1930/2015, 57.pág).

A questão da religiosidade, sob a ótica da psicanálise de Freud, está relacionada ao modo como ela é utilizada pelos fiéis como uma forma de escape diante do sentimento de abandono. A religiosidade molda as relações dos indivíduos com os objetos do mundo externo, sendo muitas vezes vista como uma tentativa de encontrar proteção e consolo diante das angústias existenciais. A questão central do debate, talvez, seja a necessidade de proteção que o sujeito sente, uma vez que o mundo além de si mesmo frequentemente gera sensações de desprazer. Além disso, as religiões são percebidas como uma esperança diante do sofrimento, oferecendo sentido para os desvios e proporcionando uma justiça que recompensa aqueles que se abstêm de ceder aos impulsos e desejos (Chaves; Nani, 2008).

Nesse contexto, o conceito de sentimento oceânico se torna central. Esse sentimento é entendido como uma marca do cuidado que o sujeito recebeu no início da vida, dando-lhe a ilusão de que poderia ser completo por meio dos prazeres e da proteção oferecidos por outra pessoa. Contudo, com o tempo e as experiências vividas, o indivíduo percebe que essa sensação de completude era, na verdade, uma ilusão. O sentimento de imensidão, que antes era direcionado a um outro que fornecia cuidado e sustento, passa a ser marcado pelo desamparo, o que leva o sujeito a buscar um ser maior, com poderes de restaurar a plenitude perdida (Torrano, 2021).

A carência de sentido na vida humana leva o indivíduo a tentar conquistar a esperança de que algo possa dar um desfecho, justificar e dar razão àquilo que não é alcançado durante a vida. A ideia de um desamparo existencial, que não é facilmente aceito, leva à criação de uma ilusão, na qual Deus se torna uma figura onipotente capaz de devolver o que foi perdido e restaurar a imensidão que o sujeito experimentou antes da entrada do princípio da realidade e do prazer. Esse desejo de retorno à satisfação primordial é o que alimenta o sentimento

oceânico, a sensação de eternidade que o sujeito sentia antes de ser confrontado com as limitações do mundo real (Torrano, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que muitos veem como um instinto ou sentimento presente desde sempre, com uma sensação de eternidade, foi chamado de "sentimento oceânico" por Romain Rolland, como uma força que impulsiona o indivíduo a buscar um Deus. Para Freud, esse sentimento é uma sobra do que um dia foi a construção do Eu, algo infantil que persiste no adulto, como uma tentativa de dar sentido a um desamparo que o acompanha desde a entrada no princípio do prazer e da realidade.

Esse desamparo que leva à busca por sentido surge quando o bebê começa a delinear as fronteiras de seu corpo, a entender o que é interno e o que é externo, e, assim, percebe que, apesar de todo o amor e cuidado da mãe, nada pode protegê-lo das angústias da vida. Nesse momento, ele manifesta uma falta, uma nostalgia do tempo em que tudo o que existia era prazeroso e satisfatório, e começa a concretizar sua sensação de incompletude.

Para aplacar essa desilusão, de que jamais seria completo de forma eterna, o indivíduo cria novas fantasias e ilusões, acreditando que, em algum momento, algo ou alguém será capaz de devolver-lhe essa sensação de plenitude. E, para manter essa esperança, ele pode se ver na necessidade de abdicar de seus prazeres e pulsões, seguindo doutrinas e rendendo-se à figura de um Deus Poderoso, com a promessa de recompensas, justiça, proteção e eternidade.

A busca do homem por religião, como forma de preencher o que acredita ter sido tirado dele, é apenas uma maneira de lidar com o desamparo existencial que o permeia. Denominar a origem dessa busca como sentimento oceânico é uma forma de entender o sentimento do Eu, que hoje se encontra separado do mundo, com barreiras claras e distante de seus objetos pulsionais, que na realidade nunca poderá possuir, pois nenhum objeto pode suprir a falta que ele acredita ter.

Apesar disso, a psicanálise freudiana não vê a religião como algo a ser desvendado ou desmistificado para o sujeito que se aliena a ela, mas sim como uma parte importante do desenvolvimento humano. Afinal, é a partir da experiência de desamparo e da busca para lidar com essa sensação que o indivíduo molda suas percepções e significados na vida adulta. Essa busca incessante por sentido continua a moldar as interações humanas e as estruturas sociais. No entanto, é crucial reconhecer que a religião não é a única resposta para o desamparo existencial. Existem inúmeras formas de enfrentar essa angústia primordial, seja por meio da

arte, da filosofia ou das relações interpessoais profundas. Cada indivíduo encontrará sua própria maneira de lidar com essa sensação de incompletude, e é essa diversidade de abordagens que enriquece a experiência humana.

Além disso, a compreensão do desamparo como parte intrínseca da condição humana pode levar a uma aceitação mais profunda da complexidade da existência. Em vez de buscar uma plenitude utópica, é possível encontrar beleza e significado na própria jornada de lidar com as limitações e incertezas da vida. Nesse sentido, a psicanálise não só ilumina as origens desse impulso de busca, mas também nos convida a explorar as múltiplas formas pelas quais podemos encontrar significado e realização ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vitor Santiago. Sentimento oceânico: um estudo da experiência religiosa a partir de Freud e Romain Rolland. 2008. Dissertação (Mestrado) - Psicologia- Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2008.

CHAVES, Wilson Camilo; NANI, Rita Helena Gonçalves. Consideração a respeito da concepção de religião nos textos freudianos “o futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura”. Revista Mal-estar e subjetividade. Fortaleza, v.8, n.2, p. 453-473, 2008.

FIRMINO, Carlos Eduardo. Felicidade e religião em Freud: uma leitura crítica. Estudos e Pesquisa em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 667-684, 2018.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. 2 ed. Porto Alegre, RS:L&PM, 1930.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. 23 ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Anthropologie structurale. Paris: Plon, 1958.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Anthropologie structurale II. Paris: Plon, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Le cru et le cuit. Paris: Plon, 1964. (Mythologiques I).

LIMA, Andréa Pereira de. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. Arquivos de Clínica Psiquiátrica. São Paulo, v.37, n.6, p.280-287, 2010

MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Dois discursos de Freud sobre a religião. Revista Mal-estar e subjetividade. Fortaleza, v.8, n.3, p. 729-754, 2008.
MOREIRA, Claudia Maria Silva; PINTO, Jeferson Machado. Para além da ilusão: o real na crítica freudiana à religião. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 15, p. 389-404, 2012.

OLIVEIRA, Luzia Carmem. A constituição do ego e superego na teoria freudiana que lugar, para a educação? In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE, 11., 2018, Curitiba. Resumo [...] Curitiba: FAE, 2018, p.231-238.

JUSTO, José Sterza. Desamparo psíquico na contemporaneidade. Revista de psicologia da UNESP. São Paulo, v.13, n.1, p. 21-32, 2014.

RIVERA, Tania. “Sentimento oceânico” e controle do fogo: ensaio sobre arte e política. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 34, n.3, p. 55-63, 2021.

TORRANO, Luciana marchetti. O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade. *Berggasse 19. Ribeirão Preto-SP*, v. 11, n.1, p. 72-85, 2021.

VILAÇA, Gabriela Miranda. A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana. 2019. Monografia (Especialização) - Teoria Psicanalítica - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.